

A IMPORTÂNCIA DA AMIZADE NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

Polyana Pereira da Silva ¹
Emerson Lira da Silva ²
Rayane da Silva Rodrigues ³

INTRODUÇÃO

Sabemos que com a alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, a Lei nº 12.796/2013, aborda um novo ponto de vista sobre o processo inclusivo, como proposto no art. 58:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (BRASIL, 2013, s/p).

Entretanto, ainda não é uma realidade acentuada no nosso país, visto que das 197 mil escolas existentes no país, cerca de 85 mil atendem alunos com deficiência, ou seja, menos da metade (MEC, 2010). Além disso, percebemos também nas escolas inclusivas a falta de preparação dos profissionais da educação e o preconceito acompanhado por bullying dos alunos, gerando um ambiente exclusivo para esses alunos com necessidades especiais.

Para que a inclusão de fato aconteça nos espaços escolares, é importante segundo Mantoan (2003), que os planos das escolas se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças.

Essa mudança nos planos condiciona para uma reforma não somente da instituição escolar mas também da comunidade escolar. Pois sabemos que a escola, além da instituição familiar, é a principal transmissora de normas e valores que norteiam e preparam o indivíduo para viver em coletividade. Por isso, é importante que questões como inclusão e respeito a diversidade faça parte, com clareza, da organização curricular. Uma escola que não prega essas questões está fadada a ser um espaço exclusivo, onde os alunos farão parte de uma massa exclusiva que desrespeita o “diferente”.

Diante desse contexto, sentiu-se a necessidade de relatar através da vivência da sala de aula a importância da amizade e de um ambiente escolar amoroso e estimulante para o processo de inclusão e desenvolvimento da criança com necessidades especiais. O presente estudo é fruto das observações realizadas numa escola pública de Campina Grande – PB, durante o estágio supervisionado I obrigatório no curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

1 Graduada do Curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, polyps99.ps@gmail.com;

2 Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, contatoemersonlira@gmail.com

3 Graduada do Curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, rayane.silrcc@gmail.com

Para que esse trabalho fosse realizado com êxito, escolhemos uma metodologia qualitativa, baseadas em observações participantes em aulas, entrevistas com alguns integrantes da comunidade escolar e leituras de bibliografias referentes ao tema da inclusão e da importância da amizade nesse processo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada durante o Estágio Supervisionado I em Geografia com uma turma do 7º ano de uma escola pública da zona urbana periférica da cidade de Campina Grande – PB. Vale ressaltar, que a pesquisa é fruto de acontecimentos vivenciados em uma turma da escola, não sendo uma regra para as demais salas.

A metodologia utilizada foi amparada nos pressupostos de uma pesquisa qualitativa com ênfase na observação participante, que segundo Gil (2008, p. 103):

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.

Inicialmente, realizou-se uma observação da turma em diferentes disciplinas e dos momentos de chegada, recreação e saída dos alunos. Após a observação, identificamos a exclusão de alunos autistas como um problema recorrente na escola. Resolvemos então realizar um estudo sobre esse problema e como a amizade é um dos aspectos fundamentais para o processo de inclusão. A terceira etapa da pesquisa foi realizada através da pesquisa bibliográfica sobre esse problema que é realidade em muitas escolas do país.

Por último, por meio de entrevistas estruturadas com alguns alunos da sala e com a professora responsável pela disciplina de geografia compreendemos melhor a situação para desenvolvermos esse estudo sobre a importância da amizade na sala de aula para que esses alunos com necessidades especiais possam se sentir acolhidos, proporcionando até mesmo um melhor desempenho na etapa escolar.

DESENVOLVIMENTO

As pessoas com Transtornos do Espectro Autista possuem comportamentos diferenciados e por falta de conhecimento da sociedade são considerados “anormais” resultando a exclusão destes das atividades cotidianas. Se faz necessário pontuar algumas das características dos comportamentos dessas pessoas antes de aprofundar a discussão em torno da amizade como um elemento importante na inclusão desses alunos.

Alguns dos comportamentos percebidos na escola considerados “anormais” são os déficits de comunicação e linguagem, ausência da linguagem verbal ou o desenvolvimento tardio da criança ou adolescente. Entretanto, vale salientar que esses comportamentos não são regras gerais para todos os autistas, visto que cada um tem suas características particulares, alguns são mais calados, outros são mais agitados, tem aqueles que não gostam de contato físico, mas também terá os que não tem problema com isso. Dependerá exclusivamente do grau de autismo que a criança/adolescente têm.

Outra dificuldade que as pessoas com TEA enfrentam está relacionada à área de interação social. Há dificuldades em estabelecer relações sociais com as pessoas do seu

convívio. Por mais que as crianças ou jovens com este diagnóstico tentem buscar contatos sociais, elas não são bem recebidas pelos demais por terem comportamentos diferenciados. Além disso, a pessoa com TEA pode também apresentar dificuldades de organização, planejamento e compreensão de conceitos abstratos, podem ainda, apresentar interesses restritos, como por exemplo, apego a objetos ou interesses específicos. (BENINI; CASTANHA, 2016)

Algumas características inerentes a pessoas com TEA suprem as necessidades em outras áreas, por exemplo, existem autistas que possuem facilidade de entender e reter alguns conceitos, regras, e sequências; já tem outros que possuem uma excelente memória para detalhes ou fatos mecânico ou então tem uma memória de longo prazo; alguns possuem capacidade em informática, habilidades tecnológicas ou interesse musical; intensa concentração ou focalização especialmente em áreas de atividade preferidas; habilidades artísticas, matemáticas e a honestidade (BENINI; CASTANHA, 2016). Mas são exceções e não regras aplicadas a todos os autistas.

Infelizmente, o que se tem percebido é o pouco conhecimento sobre o autismo e por isso as pessoas reproduzem conceitos deturpados gerando uma certa incompreensão com as pessoas com TEA. As pessoas que não conhecem esse transtorno reproduzem falas preconceituosas a respeito do autismo e isso resulta na exclusão social dos autistas.

Cruz (2014, p. 60) reforça a importância do processo educacional no desenvolvimento da interação com o grupo social, e vale ressaltar que esse contato mais próximo das pessoas autistas com o seu grupo de convivência pode determinar significativos avanços no seu desenvolvimento.

Na sala de aula, é necessário que seja trabalhado as capacidades do aluno com TEA e não somente focalizar no que ele não pode fazer, o déficit e as limitações não podem definir quem é a pessoa com autismo e a sua condição não pode ser limitadora de seu desenvolvimento, além disso, a vivência social em diferentes ambientes, especialmente, o escolar é de grande importância e que a escola deve cooperar para viabilização de caminhos e condições para o desenvolvimento e apropriação de conceitos, ainda não adquiridos por estes alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As observações foram realizadas durante o período de estágio, acontecendo todos os dias da semana das sete horas da manhã ao meio-dia. Sendo presenciados momentos de atividades livres e dirigidas em sala de aula, alimentação, socialização, além das interações do aluno com os demais membros da escola. A análise contará com aspectos observados, constatados e refletidos, além de práticas educacionais e da inclusão.

A escola, local do estágio e da pesquisa realizada, acolhe crianças com necessidades especiais. Entretanto, o fato dela acolher não significa que a escola é inclusiva, visto que ao longo do estágio pude presenciar diversas vezes práticas de exclusão realizados pelos alunos e professores com esses alunos.

Em uma das turmas acompanhadas durante o estágio foi possível perceber que o bullying ainda é um problema bastante presente e ele se torna ainda mais problemático quando é realizado com crianças especiais que nem sempre têm habilidade física ou emocional para lidar com as agressões.

Os alunos que sofrem com essas perseguições são autistas e durante toda a aula se sentem retraídos e também excluídos do restante da turma por serem alvos de chacota quando resolvem se manifestar de alguma forma. Essa situação respalda até mesmo fora do ambiente

da sala de aula, visto que no momento da recreação podemos notar que os dois alunos se isolam das outras crianças.

Sabemos que para existir realmente uma educação inclusiva, deve-se ter o apoio também da família, pois apenas a escola não é suficiente para que esse processo tenha sucesso. A autora Paula (2007) aponta a família como sujeito responsável pela socialização imediata do sujeito, pois em casa que se estabelece os primeiros contatos de interação com o outro e convívio social. Enfatiza a autora que “É na família que aprendemos a nos relacionar com os outros. Portanto, a construção dessa sociedade inclusiva começa nas famílias. Os pais e as próprias pessoas com deficiência são seus principais agentes.” (PAULA, 2007, p. 7)

Através do relato da professora, percebemos que as crianças não tem apoio familiar com relação as suas necessidades e isso acaba gerando uma certa insegurança dos mesmos na sala de aula. Além disto, a escola também não é preparada para lidar com essas situações, visto os alunos não são conscientizados, os professores não são preparados e acaba que invés de ser um ambiente inclusivo, ele se torna ainda mais exclusivo.

Foram entrevistados alguns estudantes a respeito desses alunos com necessidades especiais e os mesmos comentaram que não queriam fazer trabalhos em grupos com eles pois são “estranhos” e que muitas vezes faziam bullying pelo mesmo motivo. “Eles são estranhos, não falam com ninguém, chegam calados e saem do mesmo jeito”, um dos alunos realizou esse comentário em uma das entrevistas.

A falta de conhecimento da sociedade faz as pessoas apresentarem diferentes reações, preconceitos e inquietações. A escola não é a única culpada por essa falta de conhecimento, mas também a família tem sua parcela de culpa quando não conscientiza os seus filhos que há uma diversidade de pessoas e que precisamos saber lidar com essas diferenças.

Além da falta de compromisso da família, existe também a questão estrutural da escola, pois antes mesmo de acolher esses alunos com necessidades especiais, é preciso que a escola tenha uma formação de professores, que possua recursos técnico-pedagógicos, que exista acompanhamento de equipe multidisciplinar, assistentes sociais, psicólogos, terapeutas, salas de recurso, de professores de apoio, ou seja, se fomos verificar a realidade dessas escolas ditas inclusivas, percebemos que muitas estão sem estrutura eficiente.

Os professores, sem nenhuma preparação, acabam que ministrando aulas tradicionais sem a preocupação se os alunos com necessidades especiais conseguem acompanhar aquele tipo de aula em específico, ou seja, não há um interesse em implementar recursos pedagógicos que possam ajudar nesse processo de ensino-aprendizagem.

E por mais que uma das grandes dificuldades dos alunos com autismo na sala de aula seja a realização de trabalhos em grupos, os professores continuam realizando esse tipo de atividade, acarretando em um trauma significativo para aqueles alunos que são excluídos de imediato da atividade pelos demais.

Por isso, é necessário que a equipe pedagógica da escola realinhe os planos de aulas das turmas que possuem alunos com dificuldades na socialização, de modo que planeje aulas onde todos possam participar efetivamente do processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever esse resumo expandido e vivenciar a sala de aula com alunos com necessidades especiais, pude concluir que essas pessoas necessitam de uma atenção mais eficaz, tanto da família quanto da escola. Elas merecem respeito, dedicação, compreensão, e oportunidade de poder conviver com outras pessoas, e devemos todos nos como cidadãos ajudar o próximo, aceitando as diferenças de cada um.

Sabemos que incluir alunos com deficiência na escola atualmente é um dos maiores desafios. Por isso faz necessário que a escola crie oportunidades para que realmente se tenha uma escola inclusiva em todos os aspectos, além disso é importante que o professor supra as necessidades e particularidades dos alunos com atividades pedagógicas diferenciadas.

Em relação aos colegas de classe, é preciso que haja mais campanhas de conscientizações dentro da escola, para erradicar o bullying e promover a socialização dessas crianças especiais. Vale salientar que a amizade no ambiente escolar é um dos principais fatores que proporciona a inclusão, pois a amizade contribui para a condição de equilíbrio emocional dos humanos e falta desse afeto, também pode ocasionar estados de solidão e sentimento de inadequação.

Por isso é preciso melhorar as relações de amizade no ambiente escolar, e isso pode ser feito investindo em mais práticas pedagógicas que levem a um convívio maior entre as crianças. Esse momento pode proporcionar a esses alunos a chance de demonstrar seus sentimentos, suas potencialidades, seus afetos, buscar sempre a interação entre os alunos para que as crianças com necessidades especiais se sintam mais presente no espaço do qual ela também faz parte, mas que na maioria das vezes não se sente incluída.

Palavras-chave: Inclusão; Amizade, Educação.

REFERÊNCIAS

BENINI, Wiviane e CASTANHA, André Paulo. **Incluir e Ensinar: os desafios e possibilidades na inclusão da pessoa com autismo na escola comum.** (PRODUÇÃO DIDÁTICO PEDAGÓGICA). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde2012/arquivos/6042827-132.pdf?PHPSESSID=ba130048f4d55a0968c06e1f21eeb908>

BRASIL. Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Legislativo, Brasília, DF, 04 abril. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1. Acesso em: 4 de julho de 2018.

CRUZ, Talita. **Autismo e Inclusão: experiências no ensino regular.** Jundiaí: Paco editorial, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PAULA, Ana Rita de. COSTA, Carmem Martini. **A hora e a vez da família em uma sociedade inclusiva.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

STAIMBACK S.; STAIMBACK W. **Inclusão: Um guia para Educadores.** Porto Alegre, Artmed, 1999.